

O cristianismo deve influir positivamente na vida moral pública

O Papa Francisco enviou uma mensagem aos participantes do encontro internacional "A atualidade de um novo compromisso" que teve lugar na província de Catânia, sul da Itália. Na mensagem, o Papa destaca que é importante para a história da Itália e da Europa. É uma "ocasião para refletir sobre a concepção cristã da vida social e sobre a caridade na vida pública, segundo o pensamento, a vida e as obras do Servo de Deus Pe. Luigi Sturzo".

"Para o sacerdote de Caltagirone, a tarefa de informar de maneira cristã a vida social e política cabe aos cristãos leigos, através do compromisso e na liberdade que lhes compete em tal âmbito, colocando em prática os ensinamentos da Igreja, e elaborando uma síntese criativa entre fé e história que encontra a sua base no amor natural vivificado pela graça divina".

Segundo o Pontífice, "com esse espírito, o amor ao próximo na política deve ser algo comum e não deve ser excluído (...). O amor ao próximo não consiste em palavras, mas em obras e verdade".

O ensinamento e testemunho de fé do Pe. Sturzo "não devem ser esquecidos, sobretudo num período em que se pede à política para ser sensata ao enfrentar a grave crise na-tropológica", ressalta o Papa.

A seguir, Francisco afirma que "devem ser lembrados os pontos principais da antropologia social do P. Luigi Sturzo", como "a primazia da pessoa na sociedade, a primazia da sociedade no Estado e da moral na política".

Outros pontos importantes são "a centralidade da família, a defesa da propriedade com a sua função social como exigência de liberdade, a importância do trabalho como direito e dever de todo ser humano e a construção de uma paz justa através da criação de uma verdadeira comunidade internacional".

Segundo o Papa, "esses valores se baseiam no pressuposto de que o cristianismo é uma mensagem de salvação que se encarna na história, se dirige a toda pessoa e deve influir positivamente na vida moral particular e pública". (AE190615)

Domingo próximo

T.Comum-Domingo XVI-C *21 Julho

ler / escutar – acolher



Gen. 18,1-10a

Na origem deste texto do Livro do Génesis está, provavelmente, uma antiga "lenda cultural" que narrava como três figuras divinas tinham aparecido a um cananeu anónimo junto do carvalho sagrado de Mambré (perto de Hebron), como esse cananeu os tinha acolhido na sua tenda e como tinha sido recompensado com um filho pelos deuses (Mambré é um famoso santuário cananeu, já no terceiro milénio a.C., muito antes de Abraão aí ter chegado). Mais tarde, quando Abraão se estabeleceu nesse lugar, a antiga lenda cananaica foi-lhe aplicada e ele passou a ser o herói desse encontro com as figuras divinas. No séc. X a.C. (reinado de Salomão), os autores jahwistas recuperaram essa velha lenda para apresentar a sua catequese.



Col. 1, 24-28

Para Paulo, o único necessário é Cristo: a sua vida, o seu testemunho, a sua cruz (o dom da vida por amor) e a sua ressurreição. Estamos por volta dos anos 61/63. O trecho proposto inicia a parte polémica da carta. Nele, Paulo apresenta o seu próprio exemplo, para que ele sirva de estímulo aos Colossenses.



Lc. 10, 38-42

Muitas vezes, este episódio por Lucas foi lido à luz da oposição entre acção e contemplação; no entanto, não é bem isso que aqui está em causa... Lucas não está, nesta catequese, a explicar que a vida contemplativa é superior à vida activa; está a dizer que a escuta da Palavra de Jesus é o mais importante para a vida do crente, pois é o ponto de partida da caminhada da fé. Isto não significa que o "fazer coisas", que o "servir os irmãos" não seja importante; mas significa que tudo deve partir da escuta da Palavra, pois é a escuta da Palavra que nos projecta para os outros e nos faz perceber o que Deus espera de nós. (base DEHON)

FOLHA DOMINICAL

divulgada pela Paróquia d

Anúncio da PROCLAMAÇÃO

Julho
2019

DOM 14

DA PALAVRA DE DEUS

HOJE

DEUTERONÓMIO 30, 10-14

Salmo 68, 14. 17. 30-31. 33-

34. 36ab. 37 (R. cf. 33)

COLOSSENSES 1, 15-20

LUCAS 10, 25-37

Interrogações neste DOMINGO

1.

Pode acontecer que os nossos interesses egoístas, as nossas ambições, as nossas paixões, os nossos esquemas e projectos pessoais abafem a voz de Deus e nos impeçam de escutar as suas propostas. Quais são, para mim, essas outras "vozes" que calam a voz de Deus? Que lugar ocupam elas na minha vida? Em que medida elas contribuem para definir o sentido essencial da minha existência?

2.

Estará Cristo verdadeiramente no centro dos interesses e da vida das nossas ditas comunidades cristãs?

3.

As nossas comunidades são clubes fechados, "reservados a sócios", onde é "proibida a entrada aos estranhos", ou comunidades onde são amados e têm lugar todos aqueles que a vida atira para a berma da estrada?

(base DEHON)

“Com os que se julgavam bons, bem pouco pôde fazer o Senhor”

O Papa Francisco impôs o Pálio aos novos arcebispos metropolitanos e saudou a delegação ortodoxa que marcou presença, num gesto de proximidade ecuménica. E recordou que o caminho da santidade cristã não está em elevar-se, mas em humilhar-se, dando como exemplos S. Pedro e S. Paulo, que tiveram um caminho nada estreito nas suas vidas. Pedro negou Jesus três vezes e Paulo foi dos maiores perseguidores da Igreja antes da sua conversão.

"Nisto, encerra-se uma grande lição: o ponto de partida da vida cristã não está no facto de ser digno; com aqueles que se julgavam bons, bem pouco pôde fazer o Senhor", disse o Papa.

"Quando nos consideramos melhores que os outros, é o princípio do fim. O Senhor não realiza prodígios com quem se crê justo, mas com quem sabe que é necessitado. Não é atraído pela nossa habilidade, não é por isso que nos ama. Ele ama-nos como somos, e procura pessoas que não se bastam a si mesmas, mas estão prontas a abrir-Lhe o coração."

Não foi por falta de candidatos com um registo mais limpo que Cristo escolheu Pedro e Paulo como duas das principais figuras da sua Igreja, diz Francisco, "porquê Pedro, quando havia João? Porque Paulo e não Barnabé?"

A verdade, diz Francisco, que estes dois "compreenderam que a santidade não está no elevar-se mas em humilhar-se: não é uma subida na classificação, mas confiar dia a dia a própria pobreza ao Senhor, que realiza grandes coisas com os humildes. Qual foi o segredo que, no meio das fraquezas, os fez continuar para diante? O perdão do Senhor."

"Com o mal que fizeram, poderiam viver com sentimentos de culpa: quantas vezes terá Pedro pensado na sua negação! Quantos escrúpulos para Paulo, que fizera mal a tantas pessoas inocentes! Humanamente, faliram; mas encontraram um amor maior do que os seus fracassos, um perdão tão forte que curava até os seus sentimentos de culpa. Só quando experimentamos o perdão de Deus é que renascemos verdadeiramente. Recomeça-se daqui: do perdão."

(continua na pág. 2)

(conclusão da pág. 1)

O Papa sublinhou ainda na sua homilia a importância de encarar a vida religiosa como uma relação, e não apenas como a vivência de um ideal que está ancorado no passado, “não é testemunha quem conhece a história de Jesus, mas quem vive uma história de amor com Jesus”.

Não aos cristãos de capa de revista

E pergunta aos fiéis de hoje: “Renovo eu cada dia o encontro com Jesus? Talvez sejamos curiosos sobre Jesus, talvez nos interessemos por coisas de Igreja ou notícias religiosas. Abrimos sites e jornais, e conversamos sobre coisas sagradas. Mas, assim, ficamos no que dizem os homens, nas sondagens, no passado. Mas isto, a Jesus, interessa-Lhe pouco. Não quer repórteres do espírito, e muito menos cristãos de capa de revista. Ele procura testemunhas, que Lhe digam dia a dia: ‘Senhor, Tu és a minha vida’”.

“Peçamos a graça de não ser cristãos tíbios, que vivem de meias medidas, que deixam esfriar o amor. Encontremos as nossas raízes na relação diária com Jesus e na força do seu perdão.”

Na missa da solenidade dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, o Papa impõe tradicionalmente o pálio aos novos arcebispos metropolitanos, um símbolo da sua autoridade de “O Pálio recorda a ovelha que o Pastor é chamado a carregar aos ombros: é sinal de que os Pastores não vivem para si mesmos, mas para as ovelhas”, disse Francisco.

O Papa saudou ainda uma delegação do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla, um dos mais importantes da comunidade ortodoxa, que como é tradição visita Roma por altura da festa de S. Pedro e S. Paulo. “A vossa presença lembra-nos que não podemos poupar-nos sequer no caminho rumo à plena unidade entre os crentes, na comunhão a todos os níveis”, disse Francisco.

(AE190629)

Calendário e LITURGIA

A PALAVRA

diariamente

SEGUNDA 15

“Quem tiver perdido a vida por Minha causa há-de encontrá-la.” Mateus 10, 39

O nosso auxílio está no nome do Senhor Salmo 123, 8

TERÇA 16

Jesus começou a censurar duramente as cidades em que se tinha realizado a maioria dos Seus milagres, por não terem feito penitência. Mateus 11, 20

Para Vós, Senhor, a minha oração. Salmo 68, 14

QUARTA 17

“Ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o queira revelar.” Mateus 11, 27

O Senhor procede com justiça. Salmo 102, 6

QUINTA 18

“Vinde a Mim todos vós que vos afadigaís e andais sobrecarregados, que Eu vos aliviarei.” Mateus 11, 28

Dai graças ao Senhor, aclamai o Seu nome. Salmo 104, 1

SEXTA 19

“Eu quero misericórdia e não sacrifício.” Mateus 12, 7

Cumprirei os meus votos. Salmo 115, 18

SÁBADO 20

“As nações não-de esperar no Seu nome.” Mateus 12, 21

Porque é eterna a sua misericórdia. Salmo 135, 1

BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

• novo Santo português, “apaixonado pela reforma da Igreja”

Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga no século XVI, “era um apaixonado pela reforma da Igreja” e o anúncio da sua canonização, com dispensa de milagre, traduz uma “grande alegria” para Braga, de cuja diocese foi arcebispo, para as dioceses que nessa altura faziam parte da arquidiocese minhota (Bragança, Vila Real e Viana do Castelo) e para o país. A 10 de Novembro, será lido em Braga o decreto de canonização, única cerimónia prevista para assinalar o facto.

A declaração foi feita por D. Jorge Ortiga, actual arcebispo de Braga e, nesse cargo, sucessor de Bartolomeu dos Mártires (1514-1590). Acrescentando que esta “grande alegria” é “provocadora e motivadora de comportamentos novos”, Jorge Ortiga estabelece vários paralelos entre a situação da época em que viveu o seu antecessor e a actual: “Tal como no século XVI, vivemos hoje uma situação de crise, debilidades e fraquezas que importa olhar de frente, encarar nos seus contornos e discernir o que devemos fazer para encontrar atitudes novas e responder aos desafios que se colocam.”

Uma ideia de reforma para a Igreja

Bartolomeu dos Mártires “reconheceu a crise e os problemas da época”, diz ainda o arcebispo Ortiga, e “a partir da sua experiência em Braga” levou para a última sessão do Concílio de Trento (1561-1563), na qual participou, a ideia da reforma do catolicismo. O arcebispo português foi um dos que se situou no campo que pedia a reforma da Igreja Católica, na linha do desafio que a Reforma protestante tinha colocado, acrescenta D. Jorge.

“Hoje também estamos numa situação idêntica, já que a Igreja precisa de uma renovação interna e de percorrer caminhos novos” na sua missão, diz, levando o “evangelho para longe”. O catolicismo precisa de encontrar “caminhos para se tornar válido” para as pessoas. “A Igreja tem um dinamismo próprio, no âmbito interno, na sua atitude” e, ao mesmo tempo, deve “situar-se no tempo, na sociedade em que vive, reconhecendo as aspirações das pessoas e mostrando que o evangelho tem alguma coisa de válido a dizer a essas aspirações.”

A “grande personalidade” de Bartolomeu dos Mártires também se verificou pela sua acção em outros campos como a formação dos padres e dos fiéis católicos. Bartolomeu dos Mártires “tinha uma grande proximidade” para com os padres e as comunidades católicas que visitava e não foi um “arcebispo de corte”, diz Jorge Ortiga, como havia tantos outros no tempo.

O arcebispo de Braga recorda vários documentos que atestam a passagem e as orientações que o seu antecessor deixava “em diversas paróquias depois de falar” com os padres e as outras pessoas que lá viviam. “Isso era uma característica da sua vida, era uma pessoa e um arcebispo presente”, diz.

Austeridade de vida como dever dos bispos, celibato apenas disciplina da Igreja

O arcebispo defendia que o celibato eclesial não era uma regra de direito divino, mas da tradição e da disciplina católica: “A castidade não é da essência do estado sacerdotal, mas apenas de conveniência”, escreveu Bartolomeu dos Mártires.

A sua acção não esquecia a pobreza de muitos sectores da população e do próprio clero, fazendo com que os padres mais ricos partilhassem com os mais pobres e providenciando apoio a muitos desfavorecidos. O que levou a que, quando morreu em Viana do Castelo, em 1590, já fosse conhecido como “arcebispo santo” ou “pai dos pobres e dos doentes”. Bispos e padres, dizia ele, eram apenas administradores dos bens da Igreja, que estavam destinados a evangelizar e a socorrer os pobres.

(SM190706)

Informe sff para o email: hossana@sapo.pt

Quantas FOLHAS DOMINICAIS são distribuídas na sua Paróquia?